

**POSSIBILIDADES DA LEITURA LITERÁRIA:  
ENTRE A RESISTÊNCIA E A SEDUÇÃO<sup>1</sup>**

*Ms. Marli Cristina Tasca Marangon<sup>2</sup>*

*Flávia Brochetto Ramos<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Tem-se observado a ausência de uma abordagem sistemática à literatura ao longo do Ensino Fundamental. Este fato revela, de um lado, a resistência do espaço escolar à natureza lúdica do texto e, de outro, a dificuldade dos docentes em perceber a leitura literária como um processo significativo para o leitor, tanto subjetiva quanto cognitivamente. A presente comunicação apresenta uma unidade de aprendizagem desenvolvida junto a estudantes de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Tal proposta objetivou promover a construção de habilidades para a leitura e a interação com o objeto literário. Para tanto, foi considerada a perspectiva da Estética da Recepção, através do método recepcional. Privilegiaram-se textos de orientação popular, buscando-se a progressão do folclore nacional para o universal e a discussão das ideias de “sedução/liberdade”, veiculadas pelos elementos simbólicos recorrentes nas narrativas selecionadas. Conforme orientação de Bordini e Aguiar (1988), o método recepcional foi proposto tendo em vista a transformação do horizonte do leitor. Para tanto, foram consideradas cinco etapas no desenvolvimento da unidade de aprendizagem, as quais nortearam a seleção, a mediação e o encontro com os textos literários: determinação, atendimento, rompimento, questionamento e ampliação do horizonte de expectativas. O diálogo com os textos e entre os mesmos foi estabelecido, sobretudo, a partir de discussões orais, que conduziram a aproximações e a rupturas com relação ao universo de expectativas dos leitores.

**Palavras-chave:** Produção de sentido. Leitura literária. Método recepcional.

*Ler bem é arriscar-se a ser outro e nunca mais voltar a ser o mesmo; é o abismo do desconhecido que se abre à nossa frente. Ler exige coragem de não olhar para as pessoas do mesmo modo que se olhava antes, de não querer fazer coisas que eram habituais, de perceber que há muito mais vida no mundo do que as nossas medíocres existências cotidianas.  
Não é coisa para fracos.  
Ler de verdade é sempre muito perigoso.*

(Douglas Ceccagno.

Disponível em: <<http://cabecastrocadas.blogspot.com/2009/04/ler-nao-e-uma-viagem.html>>

Acesso em: 14/04/2009)

## INTRODUÇÃO

Desde a sua implantação no ensino escolar, a disciplina de Literatura reduz-se, via de regra, ao estudo diacrônico dos movimentos literários, entendidos como um conjunto estanque de características, obras e autores a memorizar. Este enfoque preconiza o mero contato ilustrativo com fragmentos dos textos mencionados e não oportuniza o diálogo entre o leitor e os objetos escritos, que vêm à tona apenas para servir a saberes já eleitos.

No que se refere ao nível fundamental, o problema persiste, embora com outra roupagem. Aqui, ocorre a ausência de uma abordagem sistemática à leitura literária. Assim, cada docente é responsável pela inserção ou eliminação do texto artístico em sala de aula. Nesse sentido, quando a leitura literária comparece, predominam fragmentos de textos, oferecidos através do livro didático ou reprografia. Essa abordagem não garante uma leitura que propicie a construção de sentido. Geralmente, concretizam-se formas redutoras de ler, já apontadas por Ezequiel Teodoro da Silva (1999, p. 11-19), tais como extrair ideia central, transpor a escrita em fala, decodificar a mensagem, seguir passos do livro didático, entre outras. Em tais concepções, acredita-se que o sentido da leitura reside no autor ou no texto em si. Entende-se, no entanto, que os significados que resultam do processo de leitura constituem-se na interação entre dois sujeitos vivos, o texto e o leitor. Dessa interação, surge uma atualização possível, ou seja, o leitor atua como

produtor de sentido no momento em que atribui significação a um esquema que, na verdade, é o texto literário.

No nível fundamental, a escola é essencial na constituição do leitor, porque tem a atribuição de, respeitando interesses e domínio cognitivo de seus alunos, propiciar a interação com a diversidade de textos literários, a fim de que o pré-adolescente tenha um conhecimento mínimo das diferentes modalidades textuais, como também vivencie pactos que precisa estabelecer com cada gênero, literário ou não, no processo de interação.

O descompromisso que se percebe no trato que o ambiente escolar costuma dar à palavra artística revela, de um lado, a resistência da escola à natureza lúdica e prazerosa do texto e, de outro, a dificuldade dos docentes em perceber a leitura literária como um processo de aprendizagem significativo para o leitor, tanto subjetiva quanto cognitivamente.

O texto literário nos recoloca como sujeitos, ressignificando nossas experiências e implicando a flexibilização dos nossos limites, através do diálogo com a alteridade representada pelo texto. O sentido da arte é, como diz Fischer (1971), nutrir a humanidade perigosa e até subversivamente. Por suas características mobilizadoras, a leitura literária pode gerar desconforto e temor, pois dela podem emergir conteúdos inesperados. Em vista dessas particularidades, a sedução exercida pelo texto literário sobre o leitor infantil encontra pouco espaço para instaurar-se nas salas de aula. Muitos professores, diante do texto literário, reeditam o episódio em que Ulisses e sua tripulação encontram as sereias: fazem-se “surdos” à sedução da palavra artística, ou atam-se ao mastro dos conteúdos e currículos, seja pela recusa ao desconhecido, seja pelo temor de perderem o rumo, ou ainda por desconhecerem possibilidades de experimentá-la junto à classe de alunos.

Perante a evidente ineficiência da abordagem da literatura na escola, com o objetivo de formação de leitores – demanda social que cabe à educação escolar atender – entende-se a necessidade de propor novas formas de lidar com o literário. Buscando vivenciar a recriação da leitura literária e revesti-la de significado, desenvolveu-se uma prática de ensino no decorrer da disciplina de

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado II em Literatura, junto a estudantes de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, em escola pública de Bento Gonçalves.

O foco central da construção da unidade de ensino residiu na proposta de interação com objetos literários, subsidiada pela perspectiva teórica da Estética da Recepção, aplicada metodologicamente a partir de estudos de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988, p. 81). Em tal perspectiva, o momento da leitura constitui uma atualização do texto, na medida em que presentifica a produção para as vivências do leitor atual.

## DESENVOLVIMENTO

A concepção de leitura como forma de interação implica o sujeito que lê num processo de coautoria, uma vez que, ao interagir criativamente com o literário, preenche, a partir do seu repertório, os vazios existentes, e concretiza, através da leitura, esquemas potenciais admitidos pela obra. Deste modo, coloca-se em evidência o aspecto plurissignificativo da literatura e admite-se a leitura como um jogo que, sugerido pelos procedimentos textuais, desafia o leitor para interagir com o objeto estético.

De acordo com Wolfgang Iser (1996), o jogo proposto pelo texto revela e omite algo, exigindo a presença de um interlocutor, previsto através da noção de “leitor implícito”, que estabelece a conectabilidade rompida pelos vazios. Estes sinalizam a ausência de relações explícitas entre os elementos apresentados que, por sua vez, restringem as possibilidades combinatórias desencadeadas pela imaginação do leitor, havendo, na situação de leitura, um incessante transitar entre dados da memória e da expectativa (RAMOS, 2001).

Portanto, o procedimento tomado como referência vislumbra um lugar privilegiado para o texto literário na educação escolar, dissociando-o da perspectiva histórica, sob a qual é usualmente tomado, para mobilizar seu caráter polissêmico e, conseqüentemente, lúdico. O planejamento do trabalho prioriza a participação ativa e criativa dos discentes, por meio da reflexão, valendo-se de estratégias como questionamento, verbalização e discussões, de modo a efetivar

a recepção textual e acionando, a partir de provocações e lacunas que a obra propõe, a bagagem de experiências linguísticas e sociais dos estudantes.

Deste modo, está implicada a consideração da ideia de “horizonte do leitor” que, conforme Bordini e Aguiar (ibid, p.87), é constituído pelas vivências pessoais, culturais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam estas vivências. Assim, o texto pode, através de aproximações e distanciamentos com relação a tal horizonte, confirmá-lo ou perturbá-lo, atendendo ou rompendo as expectativas nutridas pelo sujeito que lê.

Transformar o horizonte de expectativas dos estudantes, aspecto prioritário do método recepcional no ensino de literatura, supõe, por sua vez, a operacionalização do objetivo proposto em, no mínimo, cinco etapas (ibid., p. 88–91).

Constatada, no primeiro contato com o grupo de alunos, a dificuldade e o desagrado no uso das habilidades de ler e compreender escritos e verificado o gosto por elementos da cultura popular, concebeu-se como objetivo promover vivências de construção de sentido por meio do contato com textos folclóricos que privilegiassem o caráter dual da liberdade e do desejo, temas de grande interesse da faixa etária em questão, buscando a identificação com o leitor, bem como o rompimento e a ampliação das suas expectativas. Configurou-se, assim, a primeira etapa do método, destinada à *determinação do horizonte de expectativas do leitor*.

Detectadas as aspirações do leitor com relação à literatura, passa-se ao atendimento deste horizonte, por intermédio de experiências que, correspondendo ao esperado, contemplem as necessidades dos alunos quanto aos objetos e procedimentos selecionados, que devem privilegiar a satisfação dos estudantes com relação ao tema e à forma de apresentá-lo e o domínio da classe na realização das técnicas sugeridas.

Buscando o *atendimento do horizonte de expectativas do leitor* e a identificação deste, foram propostas a audição e a leitura da música “A novidade” (Paralamas do Sucesso), precedidas de uma conversação que antecipou a recepção do texto, sobre o que o título da canção sugere.

*A NOVIDADE*

(Bi Ribeiro, João Barone, Gilberto Gil, Herbert Vianna.  
*Paralamas do Sucesso. Álbum Selvagem?*, 1983)

*A novidade veio dar à praia  
Na qualidade rara de sereia.  
Metade o busto de uma deusa maia  
Metade um grande rabo de baleia.*

*A novidade era o máximo.  
Do paradoxo estendido na areia  
Alguns a desejar seus beijos de deusa  
Outros a desejar seu rabo pra ceia.*

*Ó, mundo, tão desigual  
Tudo é tão desigual.*

*De um lado este carnaval  
De outro a fome total.*

*E a novidade que seria um sonho  
O milagre risonho da sereia  
Virava um pesadelo tão medonho  
Ali naquela praia, ali na areia.*

*A novidade era a guerra  
Entre o feliz poeta e o esfomeado  
Estraçalhando uma sereia bonita  
Despedaçando um sonho pra cada lado.*

*Ó mundo tão desigual*

*Tudo é tão desigual.*

*De um lado este carnaval*

*De outro a fome total.*

As hipóteses levantadas pelos alunos foram registradas no quadro e retomadas após o contato com a música, quando se constatou em que medida se confirmaram e que relações podiam ser estabelecidas entre o que foi suposto e alguns elementos da canção. Em seguida, fizeram-se os seguintes questionamentos:

- a)**Qual era a novidade?
- b)**Explicitite a relação entre a ambiguidade do ser e o paradoxo dos desejos e elementos apresentados: saciedade estética (beleza)/ saciedade física (sobrevivência); carnaval/fome; milagre/pesadelo.
- c)**Quem é seduzido pela beleza?
- d)**Quem é seduzido pelo alimento?
- e)**Como é resolvido o conflito?
- f)**O que motivou a guerra?
- g)**Quais as consequências?
- h)**Além do ritmo, que outros elementos compõem a sonoridade da canção?
- i)**Qual a relação entre poesia e beleza?
- j)**Retomada a ideia de “antítese”, em que medida a presença dos opostos contribui para o sentido do texto?

A etapa seguinte consiste no *rompimento do horizonte de expectativas*, que se efetua na introdução de textos e atividades que se contrapõem às certezas e aos hábitos dos discentes, ao mesmo tempo em que se assemelham ao oferecido na etapa anterior em algum aspecto, que pode ser o tema, o tratamento, a estrutura ou a linguagem, de modo que a vivência se apresente como um desafio, com alguns elementos familiares aos alunos.

Tal momento foi desenvolvido por meio da apresentação do conto “A Iara” (AZEVEDO, 2000, p.31-33) que, embora dialogue com a música “A novidade”

(uma vez que ambos veiculam a ideia de dualidade por meio de elementos folclóricos similares, quais sejam a iara e a sereia), estabelece uma ruptura quanto à forma da linguagem e amplia a relação dual para liberdade/sedução. Além disso, o conto constrói elos não apenas com a realidade, mas com outros textos folclóricos e mitológicos, seduzindo pela palavra escrita, enquanto que, na canção, a sedução se faz por meio da música e do ritmo.

*A Iara*  
Ricardo Azevedo

*Todo mundo sabe o que é um desejo proibido. São aquelas coisas que a gente sente vontade de fazer mas sabe que não deve.*

*É o caso, por exemplo, da pessoa gorda, pesando duzentos e tantos quilos, que passa diante de uma loja de doces e fica parada olhando a vitrine. A pessoa suspira. Aqueles bombons crocantes de chocolate. Aquelas tortas de massa folhada. A pessoa geme. Aqueles pasteizinhos. Aquelas balas recheadas de ovo. A pessoa sabe que precisa perder peso. Sabe que é melhor dar o fora, mas aquelas delícias açucaradas parece que têm um canto sedutor, parecem uma espécie de ímã irresistível puxando e puxando.*

*Outro caso. O aluno precisa estudar matemática. A prova vai ser no dia seguinte, logo cedo. O menino, ou menina, chega da escola, almoça e vai para o quarto. Quando abre a janela, que dia maravilhoso! A criança pega o livro. Que céu azul! A criança tenta se concentrar. Os passarinhos cantam. A criança sabe que precisa estudar. Sabe que a prova não vai ser fácil. Escuta sua turma jogando bola lá fora, rindo, brincando... É quando vem o desejo proibido: atirar os livros para o alto e gritar: \_dane-se o mundo! \_ e ir correndo brincar.*

*Um último exemplo: quem resiste a passar diante de uma torta cremosa de chocolate e não tirar uma lasquinha?*

*Tudo isso tem a ver com a Iara.*

*É que a Iara representa o desejo proibido, a tentação. Está ligada àquelas coisas que a gente tem vontade de fazer mas sabe que é melhor não.*

*Dizem que é uma mulher belíssima, um ser encantado, habitante do fundo das águas. Em certas regiões, é conhecida como Mãe-d'Água, a dona das águas, dos*



rios, dos lagos, lagoas e igarapés. Graças ao seu canto mavioso e sua beleza inigualável, a lara consegue atrair suas vítimas para, depois, levá-las para seu reino perdido no fundo das águas.

Uma lenda antiga conta que, certa vez, um índio chamado Jaguarari estava pescando tucunaré quando enxergou uma moça boiando no rio. Era a coisa mais linda que o rapaz já tinha visto na vida. Os cabelos da moça tinham a cor das flores e das plantas. Sua boca tinha o brilho do sol. Sua pele era cheirosa e macia. E seus olhos de jabuticaba? E sua voz? A lenda diz que os passarinhos ficavam em silêncio quando a moça cantava. Até as cachoeiras paravam de correr para não atrapalhar seu canto.

A tal moça bonita era a lara.

Segundo a lenda, a lara abriu os braços para Jaguarari, sorriu e desapareceu no escuro profundo. Desde aquele dia Jaguarari nunca mais foi o mesmo. Não queria mais saber de conversa. Não tinha fome. Passava as noites andando sem rumo. Não conseguia arrancar aquela moça encantada do pensamento. Um dia, desesperado, pegou a canoa e partiu para o meio do rio. Dizem que a lara apareceu, Jaguarari mergulhou com ela e nunca mais voltou.

Na verdade, em todos os cantos do mundo, existem histórias de mães-d'água.

Na Europa, elas são as famosas sereias, descritas como mulheres loiras e lindas, às vezes metade mulher, metade peixe, que vivem nos rios e nos mares penteando a cabeleira, admirando-se diante de espelhos, cantando e fazendo navegantes perderem o juízo.

Por vezes, as sereias conseguem seduzir os homens contando histórias do fundo do mar. Outras vezes, conseguem fazer com que os viajantes, distraídos com seus encantos, larguem o controle dos barcos e acabem se espatifando nas pedras rochosas.

Histórias muito antigas, vindas da África, contam que no fundo do mar habita uma deusa, lemanjá, muito poderosa, capaz de influenciar as coisas e os rumos de nossa vida. Até hoje existe o costume de levar presentes, perfumes, colares, pentes, sabonetes, essas coisas que as mulheres gostam, à rainha do mar. Muitos pescadores garantem que é essa deusa quem determina se sua rede vai

*voltar vazia ou cheia de peixes. Tal como a lara e as sereias, a poderosa lemanjá, se quiser, também pode levar homens embora para sempre.*

*Na Grécia Antiga, contava-se a história do astuto Ulisses, o herói dos mil ardis. Durante sua viagem de volta à Ítaca, onde morava, viu-se obrigado a cruzar a perigosa Terra das Sereias. Acontece que Ulisses era atrevido. Resolveu que ia conhecer o canto daquelas verdadeiras feiticeiras aquáticas e, para isso, seguiu os conselhos de sua amiga Circe: primeiro, tapou com cera os ouvidos de seus companheiros de viagem. Depois, pediu a eles que o amarrassem, bem amarrado, no mastro do navio. Assim, graças a esse stratagema, o guerreiro dos mil disfarces passou pertinho das sereias e, maravilhado, quase enlouquecido, pôde admirar suas maravilhas e ouvir seu canto indescritível, sem correr o risco de ser levado, antes do tempo, para o abismo inevitável da morte.*

*laras, sereias, mães-d'água.*

*Pensando bem, talvez representem algo presente na alma de todo ser humano: a vontade secreta de experimentar o novo, mesmo correndo riscos. O sonho de encontrar, no desconhecido, o paraíso e a felicidade perdida.*

*O mito de Ulisses, em todo caso, nos ensina que existe um meio-termo: é possível, sim, experimentar e sobreviver ao canto extraordinário da sereia. Basta ter coragem e, claro, saber usar a cabeça.*

Em torno desse conto, propuseram-se as reflexões a seguir. Salienta-se que não é necessário apresentar à classe todas as questões e que outras podem ser propostas, pois importa considerar o interesse e as manifestações do grupo na discussão:

- a)** Discussão sobre palavras do texto que podem ser desconhecidas (“maviosos”, “astuto”, “ardis” e “estratagema”), buscando descobrir o seu sentido por meio dos índices sugeridos pelo contexto e pela própria sonoridade do vocábulo.
- b)** Conversação sobre trechos de descrição, verificando a importância de dizer como é a personagem e a convergência de tais dados para o desfecho da narrativa.
- c)** O fim de Jaguarari, que sumiu nas águas do rio para encontrar-se com a sedutora lara, ilustra uma possibilidade pouco feliz de ceder à tentação perigosa.

Como se constrói, no conto, a relação entre liberdade, escolhas e conseqüências?

**d)**No conto, a lara é descrita da seguinte maneira: *Era a coisa mais linda que o rapaz já tinha visto na vida. Os cabelos da moça tinham a cor das flores e das plantas. Sua boca tinha o brilho do sol. Sua pele era cheirosa e macia. E seus olhos de jabuticaba? E sua voz? A lenda diz que os passarinhos ficavam em silêncio quando a moça cantava. Até as cachoeiras paravam de correr para não atrapalhar seu canto.* O autor assinala que ela representa *algo presente na alma de todo ser humano: a vontade secreta de experimentar o novo, mesmo correndo riscos. O sonho de encontrar, no desconhecido, o paraíso e a felicidade perdida.* Qual a importância desta caracterização para a construção do sentido do texto? Como se pode explicitar a relação entre a aparência da lara (mulher/peixe) e o que ela representa (beleza/perigo)?

**e)**A que outros seres e histórias fantásticas a lara é relacionada no conto? Quais as semelhanças entre as figuras da lara, da sereia, de lemanjá?

**f)** O autor Ricardo Azevedo associa a figura da lara à ideia do desejo proibido, como o de comer doces para uma pessoa obesa, ou de ir brincar lá fora no dia que antecede a prova de matemática. Que outras situações poderiam ser, simbolicamente, representadas pela figura da lara?

**g)**Que estratégias são usadas pela lara para a sedução?

**h)**No conto, o autor afirma que a lara tem a ver com a tentação, com as coisas que a gente tem vontade de fazer, mesmo sabendo que não deve, em função das conseqüências. Que elementos ou situações, hoje, trazem a ideia de sedução e de perigo?

**i)**Que estratégias são usadas, hoje, para seduzir consumidores, espectadores, eleitores...?

**j)** Na leitura, conhecemos que Ulisses encontrou um meio-termo que lhe permitiu ouvir o sedutor canto das sereias (isto é, ceder à tentação), sem *ser levado, antes do tempo, para o abismo inevitável da morte* (quer dizer, escapando às conseqüências nefastas da sua escolha). Para isso, ele precisou ter coragem e *usar a cabeça*. Como se pode buscar o meio-termo entre a sedução e o perigo, nos nossos dias?

k) O que é folclore? Como se manifesta? O que suas simbologias representam?

A etapa seguinte, o *questionamento do horizonte de expectativas*, concretiza-se na discussão participativa, por meio da qual são comparadas as duas etapas anteriores, à luz dos critérios já levantados, e debatidos os comportamentos da turma frente às distintas experiências. Esta vivência foi efetivada através da comparação entre os dois textos anteriores, considerando-se a simbologia do elemento fantástico, as antíteses que caracterizam o aspecto dual, as estratégias de sedução empregadas, os desejos suscitados e o modo pelo qual o conflito é solucionado, elementos que nortearam as discussões precedentes. As ideias foram sintetizadas em quadro comparativo, construído coletivamente, de modo destacar tais aspectos.

Resultante dessa reflexão sobre a literatura, advém a tomada de consciência das alterações e aquisições obtidas, na maneira de perceber e compreender a realidade e o mundo, através da experiência literária, bem como a constatação do aumento de exigências com relação à leitura e o desenvolvimento da competência de decifrar o desconhecido. Trata-se da *ampliação do horizonte de expectativas*, que finaliza o processo, configurando-se, assim, uma evolução em espiral.

A interação com o texto “Ulisses e as sereias”, o qual foi adaptado<sup>4</sup> do livro *O universo, os homens e os deuses*, de Pierre Vernant (2000, p. 114-115), promoveu a ampliação do horizonte de expectativas, ao veicular tema recorrente nos outros escritos, aprofundando, entretanto, o conflito entre liberdade e perigo e apresentando possibilidades de transgredir o proibido.

#### ULISSES E AS SEREIAS

(adaptado do livro *O universo, os deuses, os homens*)

*Ulisses era rei de Ítaca, na Grécia antiga. Logo que seu filho nasceu, ele teve de ir lutar na Guerra de Tróia, deixando seu reino, sua esposa e a criança.*

*Para retornar à Ítaca, quando a guerra terminou, o herói envolveu-se em muitas e perigosas aventuras.*

*Em uma delas, Ulisses e seus homens precisaram passar pela Ilha das Sereias, que são pássaros-mulheres ou mulheres-pássaros, cantoras de bela voz.*

*Todo navio que passa diante dessa ilha e ouve o canto das Sereias, acaba se perdendo, porque os marinheiros não resistem ao charme dessa música e então, o barco vai bater nos rochedos.*

*Ulisses não quer passar ao lado das sereias, sem ter escutado seu canto, sem saber o que cantam e como cantam. Que faz o engenhoso herói?*

*Ao avistar o rochedo onde estão as cantoras, consegue cera e, com ela, tapa os ouvidos de todos os membros da tripulação, para que não escutem nada, e pede que o amarrem firmemente ao mastro, de modo a não poder se mexer. Quando o navio chega à ilha das Sereias, há uma calma completa, o vento pára de soprar, nenhum barulho se ouve. O barco fica quase imóvel e eis que as Sereias entoam seu canto, convidando Ulisses a ouvir a verdade, a glória dos heróis e sua própria glória.*

*A ilhota onde vivem as Sereias é cercada por uma massa de cadáveres cujas carnes se decompõem ao sol, na praia deserta. São todos os que cederam a esse canto e morreram. As sereias são, ao mesmo tempo, o apelo do desejo de saber, a sedução e a morte.*

*Ulisses ouve o canto das Sereias enquanto o barco passa devagar, debate-se para ir ao encontro das cantoras, mas seus marinheiros apertam as cordas com força. Finalmente, o barco se afasta para sempre das sereias.*

Após abordar a natureza da história e a sua origem, levantaram-se as seguintes questões:

- a)** Como o ser fantástico é representado? O que ele simboliza?
- b)** Quais os elementos usados para a sedução?
- c)** Qual foi o meio-termo encontrado para conhecer o perigo tentador e sobreviver a ele?
- d)** Existe alguma relação entre o ambiente onde transcorre a história e o sentido do texto?

Na sequência, foi promovido novo questionamento, por meio do retorno ao painel comparativo, ao qual foram acrescidas informações referentes ao último texto, recuperando-se os critérios que permearam as discussões precedentes. Assim, compararam-se a representação dos elementos fantásticos, a construção

das antíteses, os desejos despertados pelas estratégias empregadas e o modo de resolver o conflito que se apresentou nas diferentes leituras. Neste momento, os estudantes descobrem que os textos falam, metaforicamente, do seu mundo, das suas vivências.

Visando ao alargamento das competências dos leitores, propôs-se nova ruptura, efetivada por meio do contato da classe com o poema “Balada do rei das sereias” (BANDEIRA, 1982, p. 161-162). Embora constituindo gênero literário diverso do focado até então, o poema faz uso de elementos que recuperam características das manifestações de origem popular, tais como a métrica (em redondilha menor), e o emprego de versos que se repetem, à semelhança de um refrão.

A conversação prévia sobre o que constitui uma “balada” e o provável enfoque do texto precederam o contato com o poema “Balada do rei das sereias”, de Manuel Bandeira.

*O rei atirou  
Seu anel ao mar  
E disse às sereias:  
\_ Ide-o lá buscar,  
Que se o não trouxerdes,  
Virareis espuma  
Das ondas do mar!*

*Foram as sereias,  
Não tardou, voltaram  
Com o perdido anel.  
Maldito o capricho  
De rei tão cruel!*

*O rei atirou  
Grãos de arroz ao mar  
E disse às sereias:  
\_ Ide-os lá buscar,  
Que se os não trouxerdes,  
Virareis espuma  
Das ondas do mar!*

*Foram as sereias,  
Não tardou, voltaram,  
Não faltava um grão.  
Maldito o capricho*

*Do mau coração!*

*O rei atirou  
Sua filha ao mar  
E disse às sereias:  
\_ Ide-a lá buscar  
Que se a não trouxerdes,  
Virareis espuma  
Das ondas do mar!*

*Foram as sereias...  
Quem as viu voltar?...  
Não voltaram nunca!  
Viraram espuma  
Das ondas do mar.*

Os questionamentos realizados em torno da leitura foram os seguintes:

- a)** Nos textos anteriores, a figura fantástica, representada pela lara ou pela Sereia, detinha um poder de cerceamento da liberdade, por meio da sedução, exercida através da voz e da beleza física. No texto “Balada do rei das sereias”, quem detém este poder de cerceamento da liberdade? De que forma tal poder é exercido?
- b)** Que elementos permeiam a relação entre o rei e as sereias?
- c)** Qual a relação entre os elementos atirados ao mar pelo rei (anel, grãos de arroz e a própria filha)?
- d)** Qual a importância da repetição de determinados versos no poema?
- e)** Que outros recursos foram empregados para tornar o poema mais agradável do ponto de vista sonoro?
- f)** Que história infantil dialoga com este texto?
- g)** Que fatos do nosso cotidiano sustentam a ideia de que a posição de poder, muitas vezes, autoriza alguém a dispor da vida de outros?
- h)** De que forma o conflito foi solucionado no texto?
- i)** Compare o objeto poético veiculado por este poema à ideia de objeto poético sustentada pela canção “A novidade”.

Nesta unidade, a progressão interna do processo foi estabelecida ampliando-se a dimensão do eixo temático do folclore brasileiro para o universal, perseguindo-se, em todas as manifestações, figuras fantásticas similares, quais

sejam a “iara” e a “sereia”, por meio das quais foram discutidas as ideias de “liberdade” e “sedução/perigo”.

A recepção dos textos foi antecipada por meio da exposição de expectativas suscitadas pelo tema ou pelo título, que foram retomadas após a realização da leitura, preparando o educando para o contato com o literário. Tal estratégia mostrou-se eficaz para suscitar o desejo de ler, através da criação de expectativas com relação à obra.

A abordagem dos textos por meio de questionamentos e espaços para a verbalização mobilizou a classe no sentido de empreender sucessivos e inovadores olhares à leitura e estabelecer associações entre o dito e o não-dito e o cotidiano dos estudantes.

Desta forma, foi possível construir sentidos acerca do lido, bem como avançar na concepção das noções de “liberdade” e “desejo/sedução”, ressignificadas na interação com o objeto literário e na experiência do prazer estético, transcendido por meio da reflexão sobre estratégias e elementos textuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A unidade de aprendizagem apresentada no presente artigo centra-se na atuação do sujeito que lê, através de sua ação ativa, criativa e reflexiva, recuperando-se o caráter polissêmico do objeto artístico e progredindo na formação de leitores, tarefa essencial e intransferível da escola. Para o sucesso da proposta, é decisivo que o docente considere e tome como ponto de partida o horizonte de expectativas da turma, seja com relação ao aspecto social, intelectual, ideológico, linguístico e literário. Os textos selecionados e as modalidades de abordagem devem estar em consonância com o educando. Caso não haja, inicialmente, uma coincidência entre os horizontes de expectativas do texto e do leitor, não vai ocorrer leitura.

Assim, o docente assume o papel de mediador da palavra artística junto aos alunos, através da seleção de textos e de estratégias de abordagem do



mesmo, a fim de criar condições para que o diálogo com a arte aconteça, e mais, para que o homem, por meio da interação com o objeto artístico vá se construindo, ao experienciar conflitos e emoções ainda não vividos.

Enquanto o sujeito lê, é tomado pela palavra de outro, ou melhor, está pensando uma proposta de pensamento de outrem, e essa proposta recebe variadas atualizações, dependendo do universo do interlocutor. Pensar o pensamento alheio, a partir do nosso lugar no mundo, implica mais do que compreender o enunciado alheio: supõe alterar um certo modo de percepção acerca de determinado fato, de modo que, conforme Zilberman, as estratégias de compreensão envolvidas “no processo de aquisição do sentido capacitam o leitor a refletir sobre si e a descobrir um mundo a que até então não tivera acesso” (2002, p. 85).

Quando o aluno lê “A lara”, pode apreender apenas o fato de que um homem desaparece ao atender o chamado da lara, mas pode atualizá-la como símbolo da sedução. Ou seja, o texto é visto como uma alteridade com a qual o leitor dialoga e a partir da qual se posiciona, de modo que põe de lado sua identidade e, em contato com a alteridade, “aceita-se como o eu que perde e ganha a sua identidade no confronto com o texto” (id.). A maneira como o leitor real se posiciona depende de suas habilidades cognitivas, de seu estado emocional e de seu conhecimento de mundo.

Ao conceber a educação como uma ação transformadora, a literatura ocupa espaço indiscutível, pois assume uma função libertadora, própria da arte, que consiste na “emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais” (JAUSS, 1994, p. 56). Nesse aspecto, como prática social e histórica, a literatura, já no nível fundamental, gera conhecimento e contribui para o exercício da cidadania, uma vez que atua diretamente na constituição do sujeito e na formação de leitores autônomos. Por acreditar no singular espaço que a leitura literária ocupa na humanização do ser e no seu desenvolvimento global, é que entendemos que a sedução da palavra feita arte deve ser vivida com mais intencionalidade e constância na escola.

## POSSIBILITIES OF LITERARY READING: BETWEEN RESISTANCE AND SEDUCTION

### ABSTRACT

It has been noted the absence of a systematic approach to literature throughout Elementary School. This fact reveals, on one hand, the strength of the school to the playful nature of the text and on the other, the difficulty for teachers to perceive the literary reading as a meaningful process for the reader, both subjective and cognitively. This work presents a paper developed with students in 7th and 8th grades of Elementary School. This proposal aimed to promote the building of skills for reading and interaction with the literary object. It was considered the perspective of Reception Theory, by the Recepional Method. Popular texts were used for guidance, seeking the advancement of national folklore to the universal and discussion of ideas of "seduction/freedom", conveyed by the symbolic elements recurring in the narratives selected. According to Bordini and Aguiar (1988), the Recepional Method was proposed in order to transform the reader's horizon. Five steps were considered in developing the paper, which guided the selection, the mediation and the meeting with literary texts: determination, service, rupture, questioning and broaden of the horizon of expectations. The dialogue with the texts and between them was established mainly from oral discussions, which led to approaches and disruptions in relation to the universe of readers' expectations.

**Keywords:** Production of meaning. Literary reading. Recepional Method.

### NOTAS

- <sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Prática de Estágio, no curso de Licenciatura em Letras (UCS), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr Flávia Brocchetto Ramos.
- <sup>2</sup> Mestre em Letras e Cultura Regional (UCS). Docente das séries iniciais do Ensino Fundamental e do curso de graduação em Pedagogia do Centro de Ensino Superior Cenecista de Farroupilha (CESF).

- <sup>3</sup> Dr em Letras pela PUCRS e Pós-Doutor em Educação pela UFMG. Professor no PPGEEd na Universidade de Caxias do Sul.
- <sup>4</sup> A adaptação ao texto de Vernant foi realizada pela docente mediadora das leituras, Marli C. T. Marangoni, considerando o horizonte linguístico dos receptores.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. *Armazém do folclore*. São Paulo: Ática, 2000.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira* - poesias reunidas. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera T. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Trad. Leandro Konder. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, vol.1.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Regina Zilberman. São Paulo: Ática, 1994.
- RAMOS, Flávia Brocchetto. *Leitura do livro de poesia infantil brasileira: a gangorra entre a obra e a criança*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS; 2001.
- SILVA, Ezequiel Teodoro. Concepções de leitura e suas conseqüências no ensino. In.: *Revista Perspectiva*. Revista do Centro de Ciências da educação. UFSC. Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: Editora da UFSC. V. 17, nº 31, jan./jun.1999.
- VERNANT, Jean Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In.: BATISTA, Antônio Augusto G.; GALVÃO, Ana Maria O (Org.). *Leitura: práticas, impressos, letamentos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.